

The background of the cover is a close-up of a wood grain, showing concentric, wavy patterns in shades of light brown and tan. A white horizontal band runs across the middle of the image, containing the text 'CONHECIMENTO DE'.

DEUS  
CONHECIMENTO DE  
DEUS

ALVIN PLANTINGA  
E MICHAEL TOOLEY

“Estamos diante de um rigoroso debate sobre uma questão central na Filosofia da Religião. As réplicas e trélicas de Plantinga e Tooley mostram que ambos não se ativeram apenas aos aspectos epistemológicos da crença em Deus, mas ampliaram a discussão para as implicações em torno da mente, do materialismo, do conteúdo proposicional, da abordagem evolucionária e do raciocínio probabilístico. Este livro é um tesouro repleto de ideias filosóficas!”

EDWARD WIERENGA, professor de Filosofia da Religião,  
na Universidade de Rochester.

“Deus está vivo. E o debate filosófico acerca de sua existência continua despertando o interesse das mentes mais refinadas. É o que o leitor de língua portuguesa poderá agora constatar com a tradução deste inspirador livro de Alvin Plantinga e Michael Tooley: *Conhecimento de Deus*. A partir da pergunta ‘a crença em Deus pode ser justificada?’, os autores, dois grandes expoentes da filosofia contemporânea, brindam-nos com o que há de mais rigoroso nos campos da lógica, da epistemologia, da filosofia da mente aplicados à Filosofia da Religião.”

FRANCISCO RAZZO, mestre em Filosofia pela Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo e membro pesquisador  
do Centro de Estudos de Pragmatismo.

“O debate entre Alvin Plantinga e Michael Tooley é uma prova inegável de que o ‘conhecimento de Deus’ não é um tema relevante apenas para líderes religiosos ou teólogos, mas também para filósofos, matemáticos, biólogos, psicólogos, sociólogos, antropólogos, etc.”

JONAS MADUREIRA, doutor em Filosofia pela Universidade de  
São Paulo e pela Universidade de Colônia (Alemanha).

# Sumário

Agradecimentos .....	9
<b>1 Contra o naturalismo .....</b>	<b>11</b>
<i>Alvin Plantinga</i>	
<b>2 Deus existe? .....</b>	<b>91</b>
<i>Michael Tooley</i>	
<b>3 Resposta à declaração de abertura de Tooley .....</b>	<b>181</b>
<i>Alvin Plantinga</i>	
<b>4 Resposta à declaração de abertura de Plantinga .....</b>	<b>219</b>
<i>Michael Tooley</i>	
<b>5 Os robôs podem pensar?</b>	
<b>Resposta à segunda declaração de Tooley .....</b>	<b>257</b>
<i>Alvin Plantinga</i>	
<b>6 Declaração final e resposta aos comentários de Plantinga .....</b>	<b>275</b>
<i>Michael Tooley</i>	
Bibliografia.....	293
Índice analítico .....	303

# Agradecimentos

## **Alvin Plantinga**

Desejo registrar a minha gratidão pelos proveitosos conselhos e sábias recomendações de muitas pessoas, incluindo Brian Boeninger, E. J. Coffman, Chris Green, Jeff Green, Marcin Iwanicki, Nathan King, Dan McKaughan, Dolores Morris, Brian Pitts, Luke Potter e especialmente aos Mikes, Bergmann e Rea. Peço também perdão a quem inadvertidamente não mencionei.

## **Michael Tooley**

Durante a investigação inicial que precedeu a redação propriamente dita deste volume, tive a sorte de contar com a ajuda de dois excelentes estudantes de pós-graduação que desempenharam a tarefa de assistentes de investigação: Jessica Wilson (agora na Universidade de Toronto) e Rich Geenen (agora no Westminster College). Tive muitas conversas estimulantes com ambos sobre vários temas relevantes.

Muitas pessoas fizeram comentários excelentes e muito pormenorizados à minha declaração de abertura: Dennis Earl, Michael Huemer, Daniel Korman, Wes Morriston, Graham Oddie, Graham Oppy, Robert Pasnau, Quentin Smith e Eric Vogelstein. Depois, Evan Fales, Scott Haganan, Christian Lee e Wes Morriston deram-me indicações extremamente proveitosas sobre a minha resposta à declaração de abertura de Plantinga, e Christian, por sua vez, me ofereceu também muitos comentários bastante incisivos sobre a minha declaração final. Dou muito valor a esses vários comentários de pessoas interessadas neste debate, e as minhas três contribuições para este volume ficaram significativamente fortalecidas com as excelentes sugestões e críticas incisivas que recebi.

Por fim, não é com frequência que se tem a possibilidade de nos entregarmos a uma conversa alargada sobre uma questão filosófica central com um filósofo cujas perspectivas são muito diferentes das nossas e que pensou muito profundamente sobre elas. Estou, conseqüentemente, muito grato a Alvin Plantinga por me ter convidado para me juntar a ele neste debate.

## Capítulo 1

# Contra o naturalismo

*Alvin Plantinga*

### I. Teísmo

O nosso tópico é a crença teísta, i.e., a crença em Deus e, em particular, a epistemologia da crença teísta. Ora, a parte principal da minha contribuição inicial será um ataque epistemológico a uma das duas principais alternativas ao teísmo: o naturalismo filosófico. Primeiro, contudo, tenho de dizer algo para caracterizar o teísmo. Em seguida, argumentarei que o teísmo tem uma virtude epistêmica significativa: se for verdadeiro, está (muito plausivelmente) garantido; esta é uma virtude que o naturalismo, muito enfaticamente, não tem. Então, apresentarei um ataque em três partes contra o naturalismo filosófico. Argumentarei que, (1) se o naturalismo fosse verdadeiro, não haveria uma *função apropriada* e, conseqüentemente, não haveria também um mau funcionamento ou uma disfunção. Logo, não haveria saúde ou doença, sanidade ou loucura; além disso, o que é crucial nesse contexto epistêmico, não haveria conhecimento. Isso é suficientemente mau, mas o que se segue a isso é pior: argumentarei (2) que o naturalista está comprometido com o gênero de ceticismo profundo e debilitante segundo o qual ele não pode confiar que as suas faculdades cognitivas lhe fornecerão, principalmente, crenças verdadeiras; ele tem um *derrotador* para seja o que for que acredite, incluindo o próprio naturalismo. E (3) argumentarei que o naturalismo, na medida em que implica o materialismo acerca dos seres humanos, não abre espaço para as características essenciais da nossa vida mental, incluindo em particular a *crença*.

### A. Crença teísta: o que é?

Segundo a crença teísta clássica — o islamismo e o judaísmo clássicos, assim como a crença cristã —, primeiro de tudo há Deus, o ser principal do universo, que não tem princípio nem fim. Mais importante: Deus é *pessoal*. Isto é, Deus é o tipo de ser que tem consciência e está ciente, num certo sentido, do que o rodeia (ou seja, de tudo). Em segundo lugar (mas não em importância), uma pessoa tem amores e ódios, aspirações e desejos; aprova algumas coisas e desaprova outras; quer que as coisas sejam de certo modo. Poderíamos exprimir essa ideia dizendo que as pessoas têm *afeições*. Em terceiro lugar, uma pessoa é um ser que tem *crenças* e, se for afortunada, conhecimento. Os seres humanos, por exemplo, acreditam numa enorme quantidade de coisas. No momento, acredito que estou escrevendo no meu computador, que acabei de tomar o café da manhã, que lá fora está um dia claro e ensolarado, que escalei recentemente uma montanha, que vivo em Indiana, e assim por diante. Tenho também uma quantidade de crenças sobre outras coisas mais distantes de mim: que Pequim é maior do que Chicago, que os cientistas parecem crer que a mecânica quântica está fortemente confirmada, que houve uma guerra entre os atenienses e os espartanos, que mesmo as formas de vida mais simples são enormemente complexas, que há uma pessoa que é Deus, e mil outras coisas.

Portanto, as pessoas têm crenças e afeições. Além disso, uma pessoa é um ser que tem *objetivos* e *intenções*; uma pessoa visa fazer que as coisas sejam de dada maneira, tenciona agir de modo que as coisas sejam da maneira que ela quer. Assim, eu tenciono fazer que a minha parte deste livro seja escrita, e escrita por mim. (De modo menos pedante, tenciono escrever a minha parte do livro.) Finalmente, as pessoas podem muitas vezes agir para realizar as suas intenções; podem fazer que as coisas sejam de dada maneira; podem causar acontecimentos. Sendo mais técnico (ainda que não mais perspicaz ou claro), poderíamos dizer que uma pessoa é um ser que pode efetivar estados de coisas. As pessoas podem muitas vezes agir com base no que creem para dar origem a estados de coisas cuja efetividade desejam.

Assim, uma pessoa tem consciência, afeições e intenções e pode agir. Claro que isso seria uma pessoa paradigmática, bem formada. A doença ou o mau funcionamento pode privar uma pessoa de uma ou outra das características anteriores. Devido ao mau funcionamento, uma pessoa pode perder os afetos, de modo que nada lhe parece bom ou mau, desejável ou indesejável. Uma pessoa em coma não tem consciência e não pode agir; talvez uma pessoa em coma também não tenha crenças nem conhecimento. O importante é que uma pessoa que esteja funcionando apropriadamente e que seja bem formada irá exibir essas

características, e não que todas as pessoas tenham de exibi-las a todo o momento em que existem.

Em primeiro lugar, portanto, Deus é uma pessoa. Entretanto, em segundo lugar, e ao contrário das pessoas humanas, Deus é uma pessoa sem corpo.<sup>1</sup> Ele age e atua no mundo, tal como os seres humanos; mas, ao contrário destes, não por meio de um corpo. Em vez disso, Deus atua apenas pelo *querer*: ele quer que as coisas sejam de certa maneira, e elas são dessa maneira. (Disse Deus: Haja Luz. E houve luz.) Você e eu podemos mover os nossos membros apenas querendo isso;<sup>2</sup> mas apenas querendo não conseguimos fazer o Lago Michigan aquecer dez graus, nem fazer o Sol ficar agradável no topo do Monte Rainier. Deus não está sujeito a tais limitações; seja o que for que ele quer, tem necessariamente de ocorrer. Deus é todo-poderoso ('onipotente'). Claro que ele não pode causar algo que seja logicamente impossível. Ele não pode fazer existir um solteiro casado, nem fazer  $7 + 5 = 14$ . E também não pode fazer uma pessoa agir de uma maneira ou de outra *livremente*; se Deus me *fizer* agir de um dado modo, então não ajo livremente. Assim, Deus pode agir, e nós podemos agir, mas Deus pode agir de modos que nós não podemos.

Algo semelhante ocorre com o conhecimento: os seres humanos sabem umas poucas coisas (talvez menos do que comumente pensamos), mas há muito que nos escapa. Uma vez mais, isso não ocorre com Deus: dado ser sumamente sábio ('onisciente'), bem como todo-poderoso, ele sabe rigorosamente tudo o que pode ser conhecido. Claro que há disputas nessa área. Os teístas discutem se Deus sabe o futuro; também discutem se, ainda que ele saiba muito sobre o futuro, sabe o que os seres livres irão de fato fazer. Há também disputa sobre se Deus conhece *contrafatuais da liberdade* — proposições que especificam o que as criaturas livres, como você e eu, por exemplo, se de fato somos livres, fariam em situações em que nunca estiveram. (Proposições como *Se oferecessem quinze mil dólares ao Miguel pelo seu carro velho, ele o venderia [livremente]*.) Todavia, esses são argumentos sobre o que pode ser conhecido; a ideia básica é que Deus sabe seja o que for que pode ser conhecido, mesmo que não seja claro, em todos os casos, precisamente o que pode ser conhecido. Além disso, Deus é perfeitamente bom. Os seres humanos são uma mistura de bondade e maldade; há maldade nos melhores de nós e bondade nos piores. No caso de Deus, não é assim: não há nele qualquer

---

<sup>1</sup>A doutrina cristã da Trindade introduz aqui complicações: a segunda pessoa da Trindade teve, de fato, *tem* um corpo. Aqui me proponho evitar essas complicações; usarei a palavra 'Deus' como nome da primeira pessoa da Trindade.

<sup>2</sup>Apesar de ser extraordinariamente difícil dizer em detalhes o que ocorre quando queremos mover um braço e como é que, como resultado desse querer, o braço se move.

maldade, nele nada há de mau. É claro que é essa combinação de perfeita bondade com a onipotência e a onisciência que conduz ao problema tradicional do mal: não é fácil ver por que haveria tanto sofrimento e mal num mundo criado por um Deus sumamente sábio, todo-poderoso e perfeitamente bom.<sup>3</sup>

Por fim, Deus criou o mundo — das coisas maiores nele incluídas às menores. Criou todas as estrelas e planetas, todas as galáxias e buracos negros, todos os quarks e glúons e elétrons (pressupondo que essas coisas realmente existem). Criou todas as coisas vivas — plantas, animais e seres humanos —, quer diretamente, quer usando outros seres e processos. Da perspectiva dos teístas clássicos — teístas judaicos, islâmicos e cristãos —, os seres humanos são especiais. A partir dessa perspectiva, Deus criou os seres humanos “à sua imagem” — i.e., de tal modo que, no que diz respeito a certos aspectos, os seres humanos se parecem com ele. Talvez o mais importante aqui seja a *personalidade*: os seres humanos se parecem com Deus no sentido de que são pessoas. Como Deus, os seres humanos têm conhecimento e afetos; nós também formamos intenções e somos capazes de agir com base no que sabemos, para atingir as finalidades que procuramos. Claro que há imensas diferenças entre as pessoas humanas e Deus (um aspecto que algumas pessoas tendem a descuidar, pelo menos no seu próprio caso): ele é uma pessoa ilimitada e nós somos decididamente limitados. Contudo, as propriedades que fazem de nós pessoas — intelecto, vontade e afetos, para usar um velho triunvirato — é algo que partilhamos com Deus.

Deus criou o mundo, mas também sustenta a sua existência; sem a sua sustentação, o mundo desapareceria como a chama de uma vela ao vento. Além disso, Deus governa o mundo de tal modo que este exhibe certa constância e regularidade. Essas regularidades estão por todo o lado: os objetos mais pesados do que o ar, se os deixarmos cair perto da superfície da Terra, normalmente caem, em vez de subirem; o pão é nutritivo, mas a lama não; há ar respirável perto da superfície da Terra, mas não a dez quilômetros, ou debaixo de água. Ao contrário das pedras, as sementes, plantadas no solo, germinam e criam raízes; as vigas de aço poderosas sustentam muito peso durante muito tempo; uma explosão num ambiente fechado exercerá pressão nas paredes. É, em virtude dessas regularidades, que os seres humanos podem atuar no mundo, descobri-lo e atuar em função do que descobriram.

---

<sup>3</sup>Para trabalhos interessantes sobre o problema do mal, veja, e.g., *God and the Problem of Evil*, ed. William Rowe (Oxford: Blackwell, 2002), *The Evidential Argument from Evil*, ed. Daniel Howard-Snyder (Bloomington: Indiana Press, 1996) e *The Problem of Evil*, ed. Marilyn and Robert Adams (Oxford: Oxford University Press, 1990).



São essas regularidades, é claro, que tornam a ciência e a tecnologia possíveis. Do ponto de vista teísta, o mundo que Deus concebeu e criou é um pouco como uma imensa máquina, apesar de este ser talvez um termo demasiado mecânico. (Talvez deva também ser concebido um pouco como um vasto organismo, ou talvez uma amálgama de máquina e organismo.) Em qualquer caso, é uma estrutura de enorme complexidade. (Basta pensar na incrível complexidade de uma célula viva, com as suas próprias centenas de subestruturas na forma de máquinas moleculares.) De um ponto de vista teísta, uma tarefa da ciência é passar a conhecer algo acerca dessa maravilhosa estrutura — descobri-la da maneira sistemática e coletiva que caracteriza a ciência. Assim, não só o teísmo, em si, acolhe a ciência, como é entusiástico em relação à ciência. É porque Deus criou o mundo com essas regularidades e estruturas que ele pode ser apreendido e conhecido (num grau significativo) por criaturas como nós. É porque Deus nos criou à sua imagem que somos capazes de apreender e conhecer o mundo.

Uma característica particularmente importante da cosmovisão teísta, nesse contexto, é que Deus criou *livremente* as várias estruturas do mundo. Primeiro, Deus não foi obrigado, pela sua natureza, ou por uma estrutura anterior, ou por qualquer outra coisa, a criar coisa alguma. E, posto que criou, não foi obrigado a criar apenas as coisas que criou. Criou cavalos, anacondas e paramecios; mas não foi obrigado a criar qualquer um deles. E, posto que criou as coisas que, de fato, descobrimos no mundo — cavalos, por exemplo —, não foi obrigado a criá-los precisamente com as propriedades que, de fato, têm. Não é uma verdade necessária que os cavalos têm o número de dentes que realmente têm ou um estômago que funciona precisamente do modo como funciona um estômago equino. Além disso, posto que criou as criaturas que há no mundo, não foi obrigado a criá-las de qualquer modo particular; poderia tê-las criado a todas especialmente, ou, como agora parece mais plausível, por meio de processos evolutivos. Essas coisas são todas contingentes; Deus poderia ter feito as coisas de modo diferente. Comumente, pensamos que é pela *razão* que conhecemos as verdades necessárias; sabemos essas coisas *a priori*, antes da experiência ou de algum modo independente dela. O nosso conhecimento de verdades contingentes, por sua vez, resulta (pelo menos em parte) da *experiência*. Ora, a ideia teísta é que as leis e regularidades que o mundo exhibe é uma questão contingente; o mesmo se aplica ao gênero de estruturas e organismos que o mundo contém e às propriedades dessas estruturas e organismos. Isso sugere que a ciência, enquanto esforço sistemático para chegar ao conhecimento do mundo que Deus criou, terá de ser significativamente

O que acontece quando dois filósofos discordam de uma questão? O óbvio: eles entram em debate, discutindo argumentos e expondo seus pontos de vista. Do debate entre os filósofos Alvin Plantinga e Michael Tooley resultou este livro, que tem como principal objetivo discutir a possibilidade de a crença em Deus ser epistemicamente justificada.

Como era de se esperar, o debate começa com as exposições de dois pontos de vista opostos e termina com a réplica e a tréplica dos debatedores. O resultado desse exercício filosófico é a obra primorosa que o leitor tem em mãos e que, sem dúvida, poderá ajudá-lo a aprofundar e ampliar o entendimento a respeito das implicações epistemológicas da crença em Deus.

Além disso, desejamos que este livro estimule as discussões sobre o conhecimento de Deus no ambiente universitário de nosso país. As universidades brasileiras, em especial os departamentos de filosofia, não podem mais ficar de fora desse contagiante debate que está acontecendo no ambiente acadêmico internacional. Afinal, como recentemente declarou o filósofo Quentin Smith: “Deus não está morto na academia. Ele está vivo e passa muito bem em sua última fortaleza acadêmica: os departamentos de filosofia”.